

'Cooperar com os americanos não é uma disputa de quintais', diz ex-ministra do Meio Ambiente Izabella Teixeira sobre cúpula climática de Biden

Entrevista com Izabella Teixeira
02/04/2021, Revista Época

1. O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, fará, no dia 22 de abril, uma cúpula virtual sobre o clima. O governo brasileiro já anunciou que Jair Bolsonaro participará do evento. O que está em jogo nesse encontro?

O meio ambiente e a justiça climática foram um dos temas-chaves da campanha do presidente Biden, ao lado da volta do país ao Acordo de Paris. Olhando para a questão doméstica dos Estados Unidos, a eleição mostrou que esse tema é uma demanda prioritária da sociedade americana. Além disso, Biden anunciou que as questões climáticas estarão tanto nas políticas externas do país quanto nas políticas de defesa americana. Ou seja, colocou o assunto no mais alto nível de importância do seu país. E de um ponto de vista internacional, Biden quer tomar a liderança na luta contra as mudanças climáticas — não só por causa do clima em si, mas também visando ao sistema multilateral de cooperação. O mundo está se reorganizando e, no conjunto dessa reorganização, a questão climática passa a ser um assunto estratégico. Ela se torna um tema central do ponto de vista geopolítico, uma chave para as novas dinâmicas internacionais de políticas externas. Essa cúpula é uma retomada simbólica dos Estados Unidos da interlocução global sobre os desafios de enfrentamento à mudança climática. Biden pretende nessa reunião, além de apresentar os próximos passos da posição americana nesse assunto, avançar com novas ambições.

2. Biden já demonstrou estar insatisfeito com a forma que o Brasil está conduzindo suas políticas ambientais. A que se deve o convite para participar da cúpula?

Primeiro, nós temos de entender que as relações Brasil-Estados Unidos são relações diplomáticas bilaterais históricas, consolidadas. O convite americano, em meu entendimento, é um gesto diplomático extremamente simbólico. É reconhecimento da solidez dessas relações, independentemente de quem esteja presidindo o país. Segundo, o convite deve ser percebido como uma possibilidade de criar um espaço político de diálogo para uma necessária e urgente mobilização a fim de reverter o retrocesso nas políticas ambientais e climáticas brasileiras dos últimos dois anos, particularmente no que afeta a Amazônia. O Brasil já foi um dos principais líderes em assuntos ambientais. Fomos importantes articuladores no Acordo de Paris. Agora, porém, há um traço em atores do governo Bolsonaro que é de ser negacionistas climáticos. Mas isso não apaga nosso histórico. Temos muitas riquezas e precisamos saber usá-las — e temos capacidade técnica e criativa para aproveitá-las.

3. Idealmente, o que esperar da participação do presidente Jair Bolsonaro nesse encontro?

O Brasil deveria negociar os interesses nacionais e conciliá-los com a inserção do país no mundo, entendendo que também o papel da Amazônia na segurança climática. Porém, não sei o que esperar de um país que não é mais aquele que tradicionalmente ocupava esse lugar. O que temos hoje não são contradições ou interesses A, B e C. Nós estamos falando de uma situação política em que meio ambiente não é prioridade, em que os espaços políticos de debate foram todos fechados. Hoje o desmatamento perdeu o controle. A questão climática não tem uma governança clara no país, os interesses não estão claros. O que o governo Bolsonaro está entregando concretamente é aumento do desmatamento. Então, a primeira medida com que ele (*o presidente*) precisa se comprometer é com ações para conter esse retrocesso, com ações assertivas e afirmativas de como fazer isso. Precisa dizer



quais serão as metas, quais serão seus compromissos e como é que assumirá isso com transparência internacional. Ou seja, se o governo brasileiro for apresentar alguma coisa em relação à Amazônia, terá de ser com base em resultados concretos alcançados que ele possa oferecer, com metas sólidas e com uma abertura real para que a sociedade brasileira possa participar, acompanhar, questionar e validar ou não as políticas ambientais.

4. Extraoficialmente, o Departamento de Estado disse que o governo dos Estados Unidos quer, neste ano, um sinal concreto do comprometimento do Brasil no combate ao desmatamento ilegal. É possível que, sem uma mudança de postura de Bolsonaro, o país sofra alguma sanção?

Nas relações diplomáticas, o que aprendi é que você vai buscar todos os esforços para construir soluções, entender as dificuldades, vai alocar dinheiro, ver em que condições se está fazendo isso e vai cobrar resultados. E se esses resultados não vierem, você tem mecanismos diplomáticos, inclusive sanções. Há várias maneiras de impor esses bloqueios para responder ao “Brasil se compromete e não faz”, desde sanções comerciais a vetos em espaços de interesse do país, como na OCDE (*Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico*). Mas isso depende da trajetória diplomática. Sanções podem vir a acontecer com o tempo se não cumprirmos essas metas, mas isso também dependerá da história, dos interesses e de outras variáveis. Não acredito que sejam adotadas em curto prazo. Mas a bala de prata não é essa questão. A bala de prata é se vamos dar um passo na direção da reconstrução da credibilidade do Brasil internacionalmente ou se vamos dar mais um passo para trás, reafirmando que o Brasil não tem solidariedade global.

5. Além dos Estados Unidos, outros países já pressionaram por mudanças, como a França. Diante desse cenário, qual é capacidade que o Brasil tem de negociação?

Hoje, o Brasil saiu de moda. É um país que entrega desmatamento. Nos veem com muita desconfiança. Mas é também um país que tem capacidade de reverter isso, pelas instituições e por seus conhecimentos. Por exemplo, temos ativos importantes que interessam à comunidade internacional, como a Floresta Amazônica e (*o fato de*) nossa agricultura ser a maior campeã na produção de alimentos com baixa queima de carbono no mundo. Numa analogia, é igual a um time. Não sei se nós temos os melhores jogadores escalados. É uma Copa do Mundo, e estamos talvez com um time de várzea. Mas nós temos a estrutura de uma grande seleção. Não temos de ser reféns de chantagem política, chantagem de (*redução de*) carbono. A construção para o enfrentamento da questão climática nos levará a essas alianças e parcerias robustas que afirmem, sim, alocação de recursos com vista a objetivos estratégicos que são soluções de desenvolvimento sustentáveis. É assim que se constrói a cooperação. Não é “ou você me dá esse dinheiro e eu me sento à mesa com você”. No entanto, só há uma maneira de fazer, reconhecer os erros, parar com essa arrogância. Cooperar com os americanos ou com qualquer país não é uma disputa de quintais. Proteger a Amazônia por conta da segurança climática também não é questão de invadir o território nem a soberania brasileiros.

6. A mudança no Ministério das Relações Exteriores ajuda por si só a melhorar a imagem do país internacionalmente?

Certamente o ex-ministro das Relações Exteriores (*Ernesto Araújo*) praticou uma política externa muito contraditória e desalinhada com a tradição da Casa de Rio Branco e das políticas diplomáticas afirmativas brasileiras em relação aos temas ambientais. Nós estamos vendo sob a tutela do atual governo retrocessos incompreensíveis. O Brasil inclusive está isolado em várias agendas dos direitos humanos, meio ambiente e clima. Vejo que o mundo recebeu com muito ceticismo as mudanças na diplomacia brasileira. Porque não é só uma posição do chanceler. Um país não se expressa por um ministro apenas, mas por um conjunto de políticas públicas e pelas ações que derivam daquele governo eleito. Nós e o

mundo não sabemos como o novo ministro (*Carlos Alberto França*) vai reorganizar as políticas da pasta. Ele vai fazer mais do mesmo de um outro jeito, ou vai afirmar novos caminhos e corrigir rumos da política externa brasileira? Eu espero que ele (*o novo chanceler*) considere questões ambientais e climáticas em sua agenda.

Publicado originalmente em: <https://epoca.globo.com/mundo/cooperar-com-os-americanos-nao-uma-disputa-de-quintais-diz-ex-ministra-do-meio-ambiente-izabella-teixeira-sobre-cupula-climatica-de-biden-1-24952692>